



1

**9º Encontro Internacional de Política Social**  
**16º Encontro Nacional de Política Social**  
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises  
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

---

Eixo: Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual

**Bixa preta: considerações sobre negritude e homossexualidade**

**Guilherme Moraes da Costa**<sup>1</sup>

*It feels so good to be alive  
Got all my family by my side  
Couldn't wipe this black off if I tried  
That's why I lift my head with pride*<sup>2</sup>

**Resumo:** O preto gay é um sobrevivente por natureza, pois, a partir de sua existência desafia diversos sistemas de opressão que o querem relegar à margem da sociedade. Tendo em vista tal fato, este texto é um ensaio teórico cujo intuito é debater sobre dois sistemas de opressão que atuam em conjunto nos corpos de homossexuais negros: o racismo e a homofobia. Ambicionando compreender a materialidade e historicidade destes fenômenos, bem como verificar como os reflexos destes preconceitos afetam as relações sociais de homens gays pretos, utilizaremos como estratégia metodológica a consulta a referências bibliográficas que versem sobre racismo, masculinidades e homossexualidade para alcançar o objetivo proposto. Como resultado podemos apontar que para romper com essa lógica, isso tem que se dar de uma maneira coletiva e não apenas das bixas pretas, uma vez que há outros atores sociais que viabilizam a manutenção dessas opressões tais quais estão dispostas na atualidade.

**Palavras-chave:** Preconceito. Racismo. Homossexualidade.

**Queer black: considerations on blackness and homosexuality**

**Abstract:** The gay black is a survivor by nature, because, from his existence, he challenges different systems of oppression that want to relegate him to the margins of society. In view of this fact, this text is a theoretical essay whose purpose is to discuss two systems of oppression that act together in the bodies of black homosexuals: racism and homophobia. Aiming to understand the materiality and historicity of these phenomena, as well as to verify how the reflexes of these prejudices affect the social relations of black gay men, we will use as a methodological strategy the consultation of bibliographical references that deal with racism, masculinities and homosexuality to reach the proposed objective. As a result, we can point out that in order to break with this logic, this has to happen in a collective way and not just by the black fags, since there are other social actors who make it possible to maintain these oppressions as they are currently arranged.

**Keywords:** Prejudice. Racism. Homosexuality.

---

<sup>1</sup> Assistente Social na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [guilhermemoresdacosta@gmail.com](mailto:guilhermemoresdacosta@gmail.com).

<sup>2</sup> Trecho da canção “Be alive” escrita por Beyoncé e Darius Soctt Dixson para a trilha sonora do filme “King Richard, criando campeãs”.

## 1 INTRODUÇÃO

Para iniciarmos a discussão aqui proposta pretendemos incidir sobre as determinações concretas que recaem na vida da bixa preta<sup>3</sup> a partir do prisma de três categorias centrais: raça, orientação sexual e identidade de gênero, tendo no horizonte estas duas últimas como dissonantes da norma heterossexual. Desse modo, fizemos a escolha pela perspectiva de totalidade, uma vez que esta propicia o entendimento da realidade a partir de sua concretude, tendo em vista as contradições, a complexidade histórica dessas relações sociais e a inserção na luta de classes e suas diversas intersecções. Dessa forma, a adoção metodológica de análise a partir dessa perspectiva nos permite elaborar e compreender de que modo o racismo e a homofobia combinados impõem às bixas pretas condições objetivas e indissociáveis na maneira que são socializadas nesta sociedade.

Nascer negro no Brasil é um misto de provação com um convite à resistência. Como disse certa vez a escritora Conceição Evaristo, “*eles combinaram de nos matar e nós combinamos de não morrer*”. A exclusão social provocada pelo racismo é notória no cotidiano da população negra brasileira<sup>4</sup>. Embora nos anos recentes tenham surgido políticas compensatórias através de ações afirmativas como cotas em universidades públicas e em concursos e processos seletivos para acesso ao serviço público, ou mesmo políticas públicas específicas operacionalizadas pela Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial, que tinha status de ministério e esteve em funcionamento durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), estas ações se mostraram aquém do necessário para equiparar o desequilíbrio ao qual é submetida essa parcela da população. Essa conjuntura é fruto de mais de 300 anos de escravidão forçada e exploração de pessoas negras que foram sequestradas e trazidas à força de África. Uma consequência disso foi um processo de desumanização, no qual pessoas negras não eram vistas como seres humanos e sim como peças, objetos que podiam ser comercializados à vontade por seus “donos”.

---

<sup>3</sup> Conforme Santos, Borges e Oliveira (2022), o bixa com “x” é uma ressignificação do termo pelo movimento social, como uma forma de dar novos contornos políticos à essa categoria.

<sup>4</sup> Conforme EURICO (2018), partilhamos da interpretação de pretos e pardos comporem o mesmo indicador, visto que estão sujeitas as mesmas vicissitudes, apesar da gradação de seu tom de pele. Não ignoramos a temática, mas nesta reflexão não temos a intenção de adentrar nos limites e contradições do Colorismo, DEVULSKY (2021).

Como reflexo desse contexto, na atualidade pessoas negras frequentam as estatísticas ostentando os piores indicadores quando se trata de acesso a emprego e renda (com destaque para a mulher negra que está na base desta pirâmide), escolaridade expressa no maior índice de evasão escolar, saúde, nas condições de habitação onde o Código de Endereço Postal (CEP) define se o sujeito será chamado para uma entrevista de emprego ou não, se poderá receber uma encomenda oriunda de uma compra online ou mesmo se a abordagem policial será mais ou menos truculenta, entre tantos outros indicadores (CARNEIRO, 2011).

Paralelamente a isso, essas pessoas são a maioria dos integrantes do sistema prisional e os favoritos do destino das balas perdidas – ou achadas – das polícias, uma instituição que é uma das principais responsáveis na condução do genocídio de pessoas pretas que está em curso. Não raramente jovens pretos são empurrados para dois caminhos, o encarceramento em massa ou a morte precoce. Almeida (2014), chama a atenção que este cenário pode ser definido como “um fosso de entre a população negra e a população branca, em termos de acesso e oportunidades”.

Quando questionadas, ou mesmo quando se deparam com as injustiças propagadas pelo racismo, muitas pessoas brancas dizem que não devem nada a qualquer negro, alegando que não foram elas que escravizaram esses seres humanos no passado, sendo que hoje são essas mesmas pessoas que usufruem dos privilégios que a branquitude lhes proporciona.

Aqui está um dos dilemas da questão racial brasileira: os oprimidos brancos da sociedade não têm consciência de que a exclusão política e econômica do negro por motivos racista só beneficia a classe dominante, o que torna difícil, senão impossível, sua solidariedade com o oprimido negro: além disso, eles mesmos são racistas pela educação e pela socialização recebidas na família e na escola. (MUNANGA, 2020, pg. 18).

Apesar de hoje, nas estatísticas oficiais a maior parte dos brasileiros se declararem como pretos e pardos, é preciso não esquecer que este país implantou uma política de branqueamento da população que como uma de suas principais iniciativas serviu-se do incentivo da imigração de europeus nos séculos XVIII e XIX, assim como que essas pessoas tiveram acesso a políticas públicas a exemplo de doação de terras, algo que era proibido por lei a pessoas negras.

Interseccionando o racismo e a homofobia, MARQUES JÚNIOR, (2011), em seu artigo relacionado nas referências, faz o questionamento de onde está a bixa preta, onde

estão as pesquisas que dão enfoque nesta realidade, pois sem visibilidade não é possível nem mesmo realizar o enfrentamento desta questão.

Nesse breve texto, que une dois polos teóricos sendo os estudos de raça e os estudos de dissidências de gênero e sexualidade, intencionamos apontar alguns elementos que podem auxiliar na compreensão do debate proposto, todavia, não temos condições de fazê-lo, nem é nossa intenção esgotar este tema, mas sim dar nossa contribuição nesta discussão.

## **2 RACISMO E HOMOFOBIA: A DUPLA DESUMANIZAÇÃO DA BIXA PRETA**

As experiências sociais de homens gays e negros, portanto duplamente sujeitos a uma negação de suas subjetividades, acentua suas posições subalternas na hierarquia social. O sentimento que aponta para um sofrimento, uma dificuldade, mas que ao mesmo tempo promulga resistências, traz a marca de uma experiência de quem transita pelas fronteiras raciais e de orientação sexual. (ARANTES, 2010, pg. 964).

A chaga do racismo imposta a pessoas racializadas, aqui no contexto dessa reflexão, pessoas negras, pode variar ainda de acordo quando acrescida de outros recortes como gênero, orientação sexual e identidade de gênero dissonantes da norma heterossexual, marcadores sociais da diferença que inserem novas camadas de opressão. Quando falamos de corpos de homossexuais negros cabe não perder de vista que estes sujeitos são atravessados por uma dualidade expressa na sua cor e na sua orientação sexual dissonante da norma heterossexual. Por vezes ocorre com a identidade de gênero também. Combinados, marcadores como raça, classe, orientação sexual e identidade de gênero dissonantes da norma heterossexual trazem rebatimentos concretos em seu cotidiano. Nesta reflexão o foco é a particularidade de homens gays negros. É importante demarcar que não fazemos distinção entre homens cisgêneros e transgêneros, apesar de não ignorarmos o fato de que gays trans negros enfrentam mais um degrau de discriminação e preconceito, ainda mais tendo em vista que a masculinidade hegemônica, para além da heterossexualidade, também é alicerçada nos pilares da cisgerenidade – que associa o sexo biológico à identidade de gênero - e no binarismo de gênero que divide o mundo e as pessoas em dois sexos.

A priori, a *passibilidade* protege socialmente, mas, no íntimo ao se relacionar com as pessoas, são questionados determinados fatores. Por exemplo: o tamanho do genital, qual o genital, a virilidade e tudo o que é ou pode ser esperado, culturalmente e de forma racista, da masculinidade negra imposta. Entra aqui também preconceitos de classe e elitismos que se misturam com características racistas. Ou seja, querem um homem normativo, binário e nem sempre vão encontra-lo. Isso acaba fazendo com que muitos sejam apenas usados para o sexo. Não que seja um problema a prática sexual consensual, mas ser objeto sexual também pode ser lido como racismo. (PEÇANHA, 2021, pg. 137, grifos do autor).

A heterossexualidade compulsória (RICH, 2012), dita a forma de ser homem nesta sociabilidade, especialmente no tocante ao fato de que o padrão é o homem branco, cisgênero e heterossexual. Como produto disso, todas as demais existências ficam subjugadas a este padrão e esse movimento também estabelece um código não escrito da masculinidade para homens negros e por consequência, para gays negros, o que gera uma assimetria de poder, na qual homossexuais negros são assujeitados tanto por homens cisgêneros heterossexuais negros, quanto por seus próprios pares não racializados por não seguirem à risca o roteiro de virilidade que lhes é projetado.

A reboque da masculinidade branca é relegado a homens negros a hiperssexualização de seus corpos, atribuindo-lhes características como o fato de, em tese, possuírem um pênis de tamanho avantajado, característica que é tida como uma senha para sexo animalizado, violento, insaciável e viril. Para parte dos negros cisgêneros e heterossexuais, é inadmissível a um homem negro ousar ser gay, ainda mais se ele for afeminado e se utilizar de signos associados ao feminino, bem como se permitir ser penetrado é quase como se ele tivesse “traíndo a raça”. A heterossexualidade enquanto norma é presumida a todos e no bojo do patriarcado, a dominação sexual é supervalorizada, então, nesta lógica, por que um homem renunciaria a este privilégio? Daí um dos pontos que “justifica” a homofobia contra negros homossexuais.

Dado que gênero é a modalidade pela qual a raça é vivida, a masculinidade negra carrega suas próprias contradições, por exemplo, a personificação de uma cultura de compensação para os homens negros que vivem sob constante tensão racial, subjugados por estruturas de classe, coagidos pelo sistema sexo-gênero, presos em meio a discursos capitalistas militarizados e criminalizantes (AMAR, 2003, 2011). [...] O corpo negro, concebido como o mapa barbarizado do imaginário colonial e da luta de classes, materializa os sujeitos raciais como “ilegítimos”, figuras abjetas, entendidas como tal na perspectiva de uma civilização universalista. (PINHO, 2019, págs. 124 e 125).

Arruza (2015) delimita que patriarcado é anterior ao capitalismo, entretanto, quando esse sistema passou a ser a ideologia dominante tanto no plano econômico quanto no âmbito das relações sociais, o patriarcado deixou de ser um sistema autônomo e foi incorporado pelo sistema capitalista, de modo que é por meio dessa apropriação que se justifica e se mantém a exploração e a inferiorização das mulheres frente aos homens, a chamada divisão sexual do trabalho, o que no caso de homens gays, comportamentos associados ao feminino são vistos como de menor importância na hierarquia social e, por isso, passíveis de discriminação.

Mas a homofobia contra a bixa preta não se dá somente do lado de fora dos muros da comunidade. Por parte dos outros gays não negros, repete-se esse imaginário de sexo fácil/pênis avantajado e faz com que estes homens sejam preteridos na hierarquia do desejo, sendo procurados apenas no fim da festa, nas saunas, nos banheiros públicos, nos cinemões<sup>5</sup>, nos cantos escuros e outros lugares sociais de menor prestígio ou mesmo que sejam negadas qualquer forma de afeto, numa lógica de descarte.

Faz-se necessário ressaltar que entre os homossexuais, independente da questão racial, no mercado do desejo, há uma maior valoração para o gay que desempenha o papel de ativo, ou seja, o que penetra versus ao passivo que é penetrado, uma vez que essa ação é associada à masculinidade hegemônica, tanto que há muitos homens que fazem sexo com outros homens que não se enxergam como homossexuais ou bissexuais, justificando que como eles não se permitem serem penetrados, bem como recusam determinados carinhos como um beijo, são mais homens que os homens em que estão penetrando, embora, precisemos recordar que orientação sexual diz respeito a afetividade e desejo, de forma que há aí uma contradição sustentada pela masculinidade hegemônica.

Na particularidade do negro gay e no rol desse imaginário do padrão de masculinidade no qual a bixa preta está inserida, não raro causa estranheza aos gays não negros o fato de que muitas bixas pretas acessam o prazer sendo passivos na relação sexual. Amparado nessa imagem atribuída de que todo negro é viril e tem um

---

<sup>5</sup> Cinemões são antigos cinemas costumeiramente localizados nos centros das grandes cidades que exibem filmes pornográficos e são frequentados exclusivamente por homens. Nestes locais os homens gays se reúnem para socializarem de maneira privada, e em geral, há a prática de sexo que pode ou não envolver prostituição.

falo quilométrico, a busca pelo prazer anal por essas pessoas soa como errada, antinatural, afinal os gays negros são procurados para o sexo justamente por conta de seus supostos predicados que lhes foram atribuídos e disseminados no senso comum.

É necessário ter em mente que o ponto comum entre as bixas pretas é o seu corpo negro. Mas este corpo pode carregar novas opressões a depender de como se apresenta ou o que representa. Mesmo entre gays negros há uma assimetria de poder que se espelha na hierarquia do desejo, pois, bixas pretas que se portam como masculinas, são magras e/ou musculosas são mais desejadas do que gays que são gordos e/ou afeminados ou que ainda sejam pessoas com deficiência. Há ainda outros fatores que podem ser conjugados no mesmo corpo, como o quão retinta a pessoa é, o quão grosso é o seu nariz, sua classe social, idade e seu local de origem. Apesar disso, não advogamos que exista uma hierarquia entre as diversas opressões (Lorde, 2019).

Ainda no campo da hierarquia do desejo uma consequência do processo de desumanização vivenciado pela população negra incide no fato de que no lugar comum, como essas pessoas não são humanas e se não são humanas não têm sentimentos e, portanto, são automaticamente descartáveis. Essa situação se agravou nas últimas décadas e ganhou novos contornos em razão dos efeitos do avanço da ideologia neoliberal.

A homofobia enquanto fenômeno adquire uma nova interface na hierarquia do desejo, posto que pretos gays servem para o prazer na cama, mas não para o almoço de domingo com a família. Isso afeta diretamente a subjetividade dessas pessoas, a forma como se relacionam afetiva e sexualmente com os outros, como se reconhecem e se localizam no mundo. Não raramente a solidão da bixa preta é um fato rotineiro na vida dessas pessoas. Numa investida de resistência e ressignificação dessa realidade, estão em curso tentativas de resistência e de aceitação por meio de relações afro centradas entre bixas pretas na tentativa de romper com a hierarquia do desejo que lhes relega os últimos lugares.

O preconceito e a discriminação contra homossexuais assumiram um vocábulo léxico atual: a homofobia. Esta prática não pode ser entendida como um fenômeno singular, pelo contrário, deve ser assimilada e compreendida no domínio do coletivo, de forma que encontra legitimidade no dia a dia das relações sociais, o que se reflete como um consentimento social praticado por indivíduos, grupos e ideologias, além de

aspectos culturais e econômicos que constituem o que podemos chamar de um ideal homofóbico.

A homofobia tem o papel de validar a norma heterossexual e o que não está de acordo com estes pressupostos deve ser combatido, reajustado e até mesmo exterminado. É um preconceito que se materializa num comportamento hostil, envolvendo ações e sentimentos como antipatia, desprezo. Se manifesta através da promoção das mais diversas violências como humilhação, ameaça, injúria, perseguição, chantagem, negligência, exploração e abuso sexual, recusa de atendimento em órgãos públicos e serviços, discriminação no mercado de trabalho, violência policial, furto, extorsão, roubo, destruição e apropriação de bens, expulsão de casa, retenção e ocultação de documentos pessoais, cárcere privado, maus tratos, tentativa de homicídio, assassinato, entre outros exemplos.

É frequente pessoas negras gays se sentirem extremamente isoladas porque há tensões em seus relacionamentos com a comunidade gay mais ampla, predominantemente branca e criada pelo racismo, e tensões dentro das comunidades negras em torno da questão da homofobia. Às vezes é mais fácil responder tais tensões se retirando simplesmente dos dois grupos, recusando-se a participar ou a se identificar politicamente com qualquer luta para acabar com a dominação. (HOOKS, 2019, pg. 257).

A sexualidade mais do que direcionar o afeto e o desejo sexual, é mediada por conflitos e assimetrias de poder, além de estar envolta ideais, crenças, práticas sociais, diversas e contraditórias interpretações conforme o tempo histórico e a sociedade em que se encontra. Desse modo, a sexualidade é uma construção social. No imbricamento entre vivenciar a sexualidade não hegemônica e ser alvo da discriminação e o preconceito contra homossexuais, a homofobia, como consequência também há rebatimentos internos na subjetividade de homens gays, denominada de homofobia internalizada.

Antunes (2017) recorre a Galimbert (2010), Scott (1972) e Mead (1934) para explicar como se dá esse processo. Relembremos que nesta sociedade as pessoas são socializadas desde antes do nascimento de acordo com os ditames da heterossexualidade compulsória, sobretudo pelo fato de que esta é presumida a todos. O autor então explicita que o processo de internalização diz respeito a aceitação por parte de um indivíduo das normas, valores, costumes, hábitos e modelos de comportamento de um determinado grupo social, reconhecendo-os e reproduzindo-os como seus,



situação imperativa para a manutenção e perpetuação da norma heterossexual.

Borillo (2010) chama a atenção para o fato de que pessoas cujas sexualidades e/ou identidades de gênero são dissonantes da heterossexualidade compulsória crescem e são socializadas em um ambiente que é desenhado abertamente como hostil e anti-homossexual, no qual a heterossexualidade enquanto norma é apregoada como superior do ponto de vista psicológico e cultural.

A descoberta da homossexualidade pelos garotos negro, que a partir desde momento chamarei de “bixas pretas”, os faz experimentar uma segunda diáspora porque os retira novamente a possibilidade de serem integrados e acolhidos, mas de forma ainda mais nociva, posto que essa segunda barreira à aceitação acontece em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros. Assim, um impasse é colocado às bixas pretas: negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade heteronormativa para se proteger e preservar o amor dos seus pares ou afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento. Qualquer uma dessas escolhas implica em sofrimento, em ambas é o “afeto-diáspora” que comparece e se desdobra em ansiedade, resignação ou depressão. (VEIGA, 2019, pg. 83).

Desse modo, a homofobia internalizada pode ter efeitos deletérios na autoestima da bixa preta. Combinada com a sombra da masculinidade hegemônica, o patriarcado e a divisão sexual e racial do trabalho, é um lugar onde a bixa preta não quer estar. Na tentativa de romper com esse ciclo, isso se reflete na necessidade de para ser mais bem aceito, de tomada de atitudes como exaltar a virilidade e performar a masculinidade tóxica, de ser sempre ativo nas relações sexuais e de não reconhecer no seu igual a possibilidade de afeto e de construção de uma relação que rompa com a lógica machista, homofóbica e racista em vigor. Para entender o que está em jogo aqui, precisamos olhar mais de perto e compreender como raça e homofobia operam juntas na manutenção do capitalismo tardio (BEHRING, 2015), especialmente com o advento do neoliberalismo e seus reflexos nesta sociabilidade.

Para a bixa preta relações afro centradas são um convite e uma forma de resistência frente à essa conjuntura. Mas a questão é que por vezes não raramente as pessoas não querem resistir ou não tem recursos internos, externos e condições objetivas para lutar contra isso, tal qual às vezes desejam simplesmente existir e diante dessa conjuntura, esse direito lhes é negado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de uma breve conclusão, podemos afirmar que o racismo e homofobia se conjugam para disciplinar corpos pretos e justificar contra eles as mais variadas formas de violência e exclusão, sejam elas praticadas pelo Estado ou por pessoas físicas. Servem como álibis para desumanizar estes corpos e assim, o que não é humano, nesta ótica, está sujeito a todo tipo de privação, discriminação e aniquilação. Prova disso é o levantamento de assassinatos de LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e mais representando outras expressões das dissidências sexuais e de gênero) feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) relativo ao ano de 2020, o qual traz a informação de do total de crimes de ódio contra pessoas LGBT+ em 54% deles as vítimas eram de pessoas pretas ou pardas.

Conforme Almeida (2019), a classe social não é o único propulsor de conflito existente na sociedade capitalista. Raça, gênero e sexualidades também constituem mediações que interferem de forma significativa na vivência de todos e todas, e se consideramos especialmente os homens gays negros, temos a tríade principal da sua opressão, uma vez que o capitalismo se serve de sua raça e sexualidade para controlar seus corpos e mentes, tendo em vista a perpetuação de seu modo de produção.

O racismo e a homofobia são dois sistemas de opressão que cerceiam o acesso a direitos de bixas pretas, além de determinarem as condições de vida e morte dessas pessoas e isso precisa acabar.

Não há oposição entre a luta classista, a luta antirracista e a luta pela livre expressão de gênero e sexualidade. No final do horizonte, o fim da exploração, do racismo, da homofobia e de outras formas de preconceito correlatadas é o lugar que se deve chegar. Neste novo lugar, a bixa preta poderá construir novas mediações com possibilidade de novos afetos e a derrubada das barreiras impostas pela hierarquia do desejo. E essa é uma tarefa coletiva que deve estar no horizonte revolucionário de quem vislumbra uma nova sociabilidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Magali da Silva. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 34, v. 12, p. 131-154, jul. /dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/15086/11437>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia Internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. São Paulo: Annablume, 2017. 340 p.

ARANTES, José Estevão Rocha. Vivendo no Entre-Lugar: raça e homossexualidade na construção de identidades. In: COSTA, Horácio *et al.* **Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos**. São Paulo: Edusp, 2010. p. 959-972.

AZURRA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, nº 23, 1º semestre de 2015, p. 34-58. [http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015\\_1\\_04\\_CinziaArruza.pdf](http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_CinziaArruza.pdf). Acesso em 07 mar 2022.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política Social no capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Cortez, 2015, 6ª edição.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens gays: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2017.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).

EURICO, Márcia Campos. A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 515-529, 01 set. 2018. Trimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.157>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/M6LN5kSVxDzLNYWtkTxqvBc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2021.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/02/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HOOKS, bell. **erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019. 384 p. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-238.0

MARQUES JÚNIOR, Joilson Santana. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros? **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 183-194, 28 dez. 2011. Semestral. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/rep.2011.2941>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2941>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MUNANGA. Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4ª edição, 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre transmasculinidades negras: desafios e inquietações. In: SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves (org.). **Transmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021. p. 133-140.

PINHO, Osmundo. O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. Cap. 5. p. 105-130.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTOS, Jean Pierry Leonardo Oliveira dos; BORGES, Roberto Carlos da Silva; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. A operacionalização do racismo e da homofobia sobre corpos negros homossexuais. In: CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). **Masculinidades negras**: novos debates ganhando formas. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022. p. 149-166.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bicha preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. Cap. 3. p. 77-94.